

Análise da sustentabilidade econômica da citricultura paulista

Margarete Boteon^{1*} & Larissa Gui Pagliuca¹

RESUMO

A sustentabilidade econômica da citricultura paulista na primeira década deste século é avaliada através dos indicadores de preços, custos e produtividade da cultura da laranja. No período, o ganho de produtividade foi essencial para sustentar a produção citrícola. No entanto, nesta década, o HLB (*huanglongbing*, *ex-greening*) deverá limitar os ganhos de produtividade e impulsionar os custos de produção. O desafio dos anos 2010 é minimizar os riscos de produção e diversificar o negócio citrícola.

Termos de indexação: laranja, custos, preços, produtividade, rentabilidade.

SUMMARY

Economic sustainability of São Paulo citrus production

The economic sustainability of the São Paulo citrus production in the 2000s is evaluated by prices, costs and yield indicators. Fruit yield gains had an important role to sustain the orange production in that period. However, in the 2010s, the HLB (*huanglongbing* or *greening*) will limit the increase on yield and will boost the cost of orange production. The challenge in this decade is to minimize risks of production and to diversify the São Paulo citrus business.

Index terms: orange, costs, price, yield, profitability.

¹ Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Esalq/USP/Cepea), Av. Pádua Dias, 11, Caixa Postal 132, 13400-970 Piracicaba-SP

* Autor para correspondência - E-mail: maboteon@esalq.usp.br

ANOS 2010: TRANSIÇÃO PARA UM NOVO CICLO ECONÔMICO NA CITRICULTURA¹

A citricultura paulista, como qualquer outro setor agrícola, tem seus ciclos de preços. De modo geral, até a primeira década deste século, verificou-se uma década de preços elevados seguida de outra de baixos. Esses ciclos perduram por anos pelo fato de a cultura da laranja ser perene, ajustando a oferta do produto somente em médio ou longo prazo.

Desde a instalação do parque citrícola paulista na década de 60, podem ser destacados quatro ciclos econômicos importantes. O primeiro, de alta das cotações, nas décadas de 1970 e 1980; o segundo, de baixas, nos anos 1990, e o terceiro, novamente de valorização, na primeira década do século 21 - este último reforçado pelos furacões na Flórida. O quarto ciclo se formou no final da década de 2000, com o aumento da incidência do HLB (*huanglongbing*, *ex-greening*) em São Paulo e na Flórida, e deve impactar negativamente na disponibilidade da fruta nos anos 2010.

Nas décadas de 1970 e 1980, o desenvolvimento do parque industrial paulista foi alavancado pela falta de matéria-prima nos Estados Unidos, em decorrência de geadas na Flórida. Já nos anos 1990, a recuperação dos pomares da Flórida e expansão da citricultura paulista aumentaram significativamente a produção total de laranja nos dois estados. Em 1997, os estados de São Paulo e da Flórida, juntos, produziram cerca de 672 milhões de caixas de 40,8 kg (*Citrus Reference Book*, 2010) - um recorde ainda não superado.

Na virada do milênio, a falta de tratamentos culturais nos pomares de São Paulo, em decorrência da crise de preço ao produtor na década anterior, aliada a fatores como o aumento da incidência de pragas e doenças e à substituição dos pomares pela cultura da cana-de-açúcar, reduziram o parque citrícola paulista e promoveram a saída de milhares de produtores do setor, estimulando um novo ciclo de alta dos preços ao produtor, principalmente até 2003. A partir daquele ano, entretanto, começou uma forte redução de preços de suco no mercado internacional e, em junho de 2004, os contratos do suco de laranja concentrado e congelado na Bolsa de Nova York marcaram recordes de baixa dos últimos 30 anos. Os fatores que influenciaram

essa redução foram o elevado estoque de suco nos Estados Unidos, gerado pela queda da demanda norte-americana, e a safra recorde na Flórida (2003/04).

A partir da passagem de furacões na Flórida, nos anos de 2004 e 2005, o cenário de excesso de oferta se inverteu para déficit de suco naquele estado. O efeito dos furacões sobre a produção na Flórida foi significativo até a safra 2007/08. O número de árvores, no entanto, fechou a década de 2000 menor que o seu início. Entre os anos de 2004 e 2007, o parque citrícola reduziu devido aos furacões terem destruído árvores e espalhado o cancro cítrico.

Em 2008, a citricultura paulista entrou em um período de transição para a próxima década e deve formatar um novo ciclo econômico da cultura. No final da década passada, o aumento da incidência do HLB nos pomares de São Paulo e na Flórida e a queda da demanda mundial pelo suco, pressionada pelo aumento dos preços ao consumidor, colocam em discussão a sustentabilidade econômica do setor para os anos 2010.

Tudo indica que a citricultura paulista, nesta década, não será tão facilmente avaliada por ciclos de baixa e de alta dos preços, como em décadas passadas, quando o principal fator era o ajuste da oferta de suco da Flórida e de São Paulo. Há uma complexidade de fatores, internos e externos ao setor, que influenciarão a citricultura paulista e dificultam a previsão do comportamento da rentabilidade da produção, principalmente levando em conta que as projeções são de uma significativa queda na oferta de laranja nos dois maiores estados produtores (Tabela 1).

Em São Paulo, os pontos importantes de análise de rentabilidade para os anos 2010 devem levar em conta a previsão de aumento dos custos fitossanitários e da mão-de-obra, a limitação do aumento da produtividade devido à maior incidência do HLB e à elevação do custo de oportunidade com outras culturas, como a cana-de-açúcar e o eucalipto.

Em relação aos concorrentes brasileiros, os problemas fitossanitários também são comuns na Flórida e na China, por exemplo. Historicamente, São Paulo tem mostrado mais capacidade técnica de se adaptar aos desafios fitossanitários e sua hegemonia dificilmente será ameaçada, apesar da previsão de uma menor produção nesta década.

¹ O item 1 é uma atualização de dois artigos publicados (Boteon, 2005 e Braga & Boteon, 2008)

Tabela 1. Projeções da produção de laranja (em milhões de caixas de 40,8k) em São Paulo e na Flórida nos anos 2010 (hipótese de não ocorrer uma planta transgênica no período)

Safr	Flórida ¹ (milhões de caixas)		São Paulo ² (milhões de caixas)	
	Pessimista	Otimista	Pessimista	Otimista
2010-11	140	160	290	340
2011-12	137	157	281	330
2012-13	132	151	273	320
2013-14	126	144	265	310
2014-15	119	136	257	301
2015-16	110	127	259	292
2016-17	101	116	242	283
2017-18	93	107	234	275
2018-19	86	98	227	266
2019-20	79	90	220	258

Fonte: ¹ Brown (2010) considerou dois cenários para desenvolver suas projeções, em ambos a hipótese é de ausência de surgimento de uma cultivar resistente ao HLB. O cenário pessimista leva em conta uma produtividade média dos últimos 4 anos (2005/06-2008/09) e o otimista leva em conta a produtividade dos últimos 8 anos.

² Tozatti & Mendes (2010) desenvolveram suas projeções com base em uma erradicação de 3% ao ano das plantas. A diferença entre o cenário pessimista e otimista deve-se a produtividade considerada na análise.

O clima também influencia negativamente a produção e as condições fitossanitárias. Cada vez mais, aumenta a frequência de choques climáticos no Brasil e no mundo.

Outro fator importante a ser levado em conta é que o consumo de suco de laranja nos tradicionais mercados consumidores – Estados Unidos e Europa – não está aumentando. Em alguns emergentes asiáticos, principalmente na China, o consumo de suco é crescente, mas, ao mesmo tempo, esses países têm se tornado grandes produtores da matéria-prima, o que limita as exportações de suco brasileiro para a Ásia. Quanto ao Brasil, com crescimento econômico positivo nos próximos anos, o País pode se tornar um grande consumidor de suco de laranja pronto para o consumo; mas, por enquanto, o foco das engarrafadoras de suco nacional é a produção de bebidas à base de frutas com baixa concentração de suco de frutas, como os néctares e os refrescos à base de suco de laranja.

Outro ponto negativo para a citricultura paulista é a relação dólar e real. A rentabilidade cambial sustentou os preços recebidos pelo citricultor brasileiro desde a década de 1960 em função do dólar forte, decorrente da hegemonia econômica norte-americana. Assim, a citricultura paulista, em mais de 40 anos, se

protegeu da instabilidade econômica brasileira através da fixação do preço em dólar. No entanto, o inesperado aconteceu: a economia norte-americana está mais frágil e a brasileira mais forte, desvalorizando o dólar em relação a uma série de moedas, inclusive o real, e é muito difícil prever se os Estados Unidos um dia retomarão sua hegemonia. Isso mostra que a âncora cambial da citricultura paulista já não é mais um fator a favor da produção nacional.

Para avaliar o período de transição entre os anos da década de 2000 e de 2010, o presente artigo avalia relevantes indicadores de produção e econômicos da citricultura paulista, sob a ótica da sustentabilidade econômica da cultura da laranja. A sustentabilidade econômica da citricultura paulista é avaliada nos próximos itens.

ANÁLISE DA SUSTENTABILIDADE ECONÔMICA NOS ANOS 2000 NA CITRICULTURA PAULISTA

Os indicadores econômicos e de produção da Tabela 2 resumem a década de 2000 na citricultura paulista. Entre 2000 a 2009, analisando a evolução dos preços e dos custos, observamos que os custos seguiram

Tabela 2. Indicadores econômicos e de produção da citricultura paulista nos anos 2000¹ (Índice 100=1999)

Ano	Câmbio ²	Terra ³	Preço da laranja R\$ ⁴	Custo R\$ ⁵	Produtividade ⁶	Área Colhida ⁷	Produção ⁸
1999	100	100	100	100	100	100	100
2000	92	104	92	92	117	78	92
2001	112	119	161	112	121	75	87
2002	130	138	189	130	131	76	95
2003	121	173	176	145	116	77	86
2004	105	199	130	147	130	76	95
2005	81	202	119	146	130	74	93
2006	69	191	111	138	131	74	93
2007	60	211	126	131	133	75	96
2008	54	233	121	140	128	76	94
2009	55	230	98	133	125	77	93

¹ Todos os números da tabela foram convertidos em número-índice (Índice 100=1999) e os valores de câmbio, preço da terra, preço da laranja e custos foram deflacionados pelo IPCA do IBGE e corrigidos a valores de 2009.

Fonte: ² Taxa de câmbio do Banco Central em R\$/US\$. ³ Preço da terra nua (R\$/ha) de primeira no estado de São Paulo do Instituto de Economia Agrícola (IEA); ⁴ Preço recebido pelo citricultor paulista da laranja posta na indústria do Cepea; ⁵ Valor mínimo do preço de contrato para fechar com a indústria na opinião do produtor para se manter na citricultura, apurado pelo Cepea; ^{6, 7, 8} Produtividade, área colhida e produção de São Paulo, pelo IBGE.

uma trajetória ascendente e os preços oscilaram muito no período, mas fechou a década com valores similares ao início dela, número considerado muito baixo pelos citricultores para remunerar os seus investimentos.

A queda de rentabilidade no setor também pode ser constatada pela redução de 44% do número de unidades de produção agropecuária (UPA) com laranja em São Paulo entre 1995/96 e 2007/08 (LUPA, 2009), e em parte pela redução da área colhida em São Paulo entre os anos de 2000 a 2009 (Tabela 2).

A desvalorização do dólar de 50% entre 2004 a 2009 (Tabela 2) também contribuiu para uma redução nos preços em reais recebidos pelos citricultores. O cenário de preços no período só não foi mais negativo porque os preços internacionais do suco voltaram a reagir por conta da redução de oferta na Flórida neste período, especialmente entre 2005 e 2008. Por outro lado, a desvalorização cambial não conseguiu reduzir os custos de produção da laranja no período na mesma proporção da redução dos preços.

Apesar da rentabilidade média no período ter reduzido quando se compara a evolução dos preços, custos e produtividade, uma parcela dos produtores conseguiu investir em novos pomares e ter melhorias na produtividade no período, proporcionando um aumento médio de 25% produtividade entre 2000

e 2009 (Tabela 2). Esse aumento da produtividade ocorreu devido ao uso mais intensivo da tecnologia da produção - melhorias na implantação do pomar (mudas), na densidade de plantas e no manejo da cultura (irrigação) - e na migração da produção para áreas ao Sul do estado de São Paulo e no aumento médio do tamanho das propriedades (escala de produção).

Os produtores que conseguiram acumular capital, principalmente nos anos de câmbio desvalorizado (2001 a 2003), ou dispor de crédito, investiram em novos pomares mais adensados e em irrigação, obtendo produtividades acima da média do estado. Esse grupo representa principalmente os grandes produtores que conseguiram, na média, obter uma rentabilidade melhor que a média do estado por conta de preços superiores em contrato e dos custos mais baixos, patrocinado pelo aumento da produtividade. O aumento da produtividade contribuiu para que a produção não reduzisse no mesmo ritmo que a área colhida, sendo que a produção diminuiu em torno de 7% entre 2000 e 2009 (Tabela 2).

Um ponto a favor da rentabilidade do produtor é o ganho de capital com o aumento do preço médio da terra em São Paulo nos anos 2000 (Tabela 2). O produtor de fato realiza esse ganho se ele optar pela venda da terra e isso também pode ter contribuído para

a redução da área cultivada com laranja. No entanto, o fato de muitos citricultores gerenciarem a produção citrícola como um modo de vida e não como um negócio, levou muitos a perderem o seu patrimônio por conta da manutenção da atividade citrícola, mesmo quando a remuneração não era mais adequada, levando a um alto nível de endividamento.

Outros se mantiveram na atividade e conseguiram um ganho de capital através da venda de propriedades na região Norte do estado de São Paulo e comprando outras a preços inferiores na região Sul do estado.

Apesar de a produtividade ter sustentado a oferta de laranja no estado de São Paulo na primeira década deste século, a dúvida é se esse modelo de produção implantado nas propriedades, principalmente nos novos investimentos realizados a partir de 2004 e 2005, é sustentável para os anos 2010 frente à maior incidência do HLB e dos correspondentes aumentos dos custos da mão-de-obra e dos insumos nos tratamentos fitossanitários.

Com o aumento da incidência do HLB previsto para os anos 2010, o salto verificado na década passada em produtividade será difícil de observar nesta década. O HLB afeta tanto o custo operacional do citricultor, porque implica em mais gastos para manter o controle da doença (inspeção, pulverização, erradicação e replantio), quanto na receita, porque limita a produtividade dos pomares, e no patrimônio, já que o replantio de plantas é maior do que no passado. Além disso, limita novos projetos, porque dado um risco maior por conta da doença, a taxa de remuneração do investimento também tem que ser maior. No geral, o HLB aumenta o custo total do negócio citrícola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O HLB deve aumentar o custo total das propriedades citrícolas e inibir novos investimentos no setor por conta do maior risco na produção.

Na década de 2000, apesar da queda da rentabilidade e a saída de milhares de produtores, o aumento da produtividade dos produtores de médio, e especialmente de grande porte, conseguiu sustentar a produção paulista, mesmo com o recuo significativo da área, além de inibir um aumento significativo dos custos.

Para os anos 2010, o atual modelo de produção - alta escala de produção, pomares mais adensados, irrigação e exclusividade de produção para a indústria de suco - deverá ser insuficiente para reduzir os custos de produção. Os ganhos de produtividade futura serão muito limitados por conta da maior incidência do HLB nos pomares, principalmente levando em conta que faltam ações coletivas (tanto técnicas, quanto comerciais) no intuito de reduzir os gastos com a cultura e melhorar a rentabilidade do setor produtivo.

Essa constatação - falta de ações coletivas para controlar o HLB - pode ser reforçada com a saída da fiscalização dos pomares pelo Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus) em 2010 e a dificuldade da fiscalização estadual assumir tal função. Com a saída do Fundecitrus no papel de fiscalização dos pomares, o risco é que, além do HLB, a incidência do cancro citríco também aumente no estado.

Isso significa que a sustentabilidade econômica do setor nesta década depende de um novo modelo de produção, administração e, principalmente de organização do setor, para que a produção não reduza significativamente no estado. A redução do custo de produção estará mais dependente das ações coletivas para reduzir a incidência do HLB e de outras doenças no estado do que efetivamente ações individualizadas nas propriedades, porque talvez o custo seja inviável do controle individual futuramente.

Outro ponto importante nessa década é a necessidade urgente de administrar o negócio citrícola como qualquer outro, isto é, só se manter nele se for viável economicamente. Isto significa que a receita obtida com a laranja deverá ser superior ao custo operacional (desembolsos) e em um montante suficiente para remunerar todo o capital investido (incluindo a depreciação) a uma taxa de remuneração equivalente aos riscos fitossanitários.

A saída definitiva para o HLB é uma cultivar de laranja resistente, mas essa solução pode levar anos e muito improvável ocorrer ainda nesta década. Assim, um controle coletivo fitossanitário bem como investimentos em novas formas de redução de custo - como a colheita mecânica - deverão ser os próximos passos no intuito de reduzir os custos de produção da laranja.

Sob o enfoque da sustentabilidade econômica é importante também discutir a hegemonia da produção de laranja paulista da década de 2000 voltada principalmente à produção de suco com orientação quase que exclusiva para o mercado internacional. É preciso diversificar o negócio citrícola na tentativa de manter a competência técnica e a infraestrutura produtiva e comercial que se formou nestes últimos 50 anos. O capital humano – produtores, comerciantes, consultores e pesquisadores - e a estrutura física – propriedades e a estrutura comercial - não podem ser dispensados por conta de problemas fitossanitários e da consolidação das processadoras de suco de laranja.

É importante estabelecer uma agenda de discussões com o intuito de diversificar o negócio citrícola paulista. Um dos pontos a analisar seria a viabilidade de utilizar a infraestrutura produtiva e comercial citrícola para ampliar produção de frutas voltada tanto a comercialização das frutas frescas quanto do suco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Boteon M & Neves EM (2005) Citricultura brasileira: aspectos econômicos. In: Mattos Jr D, De Negri JD, Pio RM & Pompeu Jr J. Citros. Campinas: Instituto Agrônomo e Fundag. p20-36.

Braga D & Boteon M (2008) Preparando a citricultura para uma nova década. Hortifruti Brasil, Piracicaba, SP: Cepea - Esalq/USP 7(68):6-15.

Citrus Reference Book: Florida Department of Citrus Economic and Market Research Department, May 2009. Disponível em: < <http://www.fdocgrower.com>>. Acesso em: fevereiro, 2010.

Brown M (2010) Florida Orange Crop Projections. Future of Global Orange Juice Industry Workshop, Lake Alfred, FL, 6-8 de abril.

LUPA2007/2008: Censo Agropecuário do Estado de São Paulo. São Paulo: CA-TI/IEA/SAA, 2009. Disponível em: <<http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa>>. Acesso em: fevereiro, 2010.

Tozatti G & Mendes M (2010) Brazillian Citrus Industry Long Term Outlook. Future of Global Orange Juice Industry Workshop, Lake Alfred, FL, 6-8 de abril.